



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES TEATRAIS  
ARTES CÊNICAS – CENOGRRAFIA

# **RUBEM BRAGA - DANDO À VIDA, CACHOEIRO**

Lara Baiense Scaramussa

Orientação:

Profa. Dra. Cássia Maria Fernandes Monteiro.

RIO DE JANEIRO  
2023

### CIP - Catalogação na Publicação

B285r Baiense Scaramussa , Lara  
Rubem Braga - Dando à vida, Cachoeiro. / Lara  
Baiense Scaramussa . -- Rio de Janeiro, 2023.  
31 f.

Orientadora: Cássia Maria Fernandes Monteiro.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de  
Belas Artes, Bacharel em Artes Cênicas: Cenografia,  
2023.

1. Exposição sobre a cidade de Cachoeiro de  
Itapemirim. 2. Relação entre a cidade e as crônicas  
de Rubem Braga. 3. Fotos da cidade atualmente e  
antigas. 4. Instalação "A viagem". I. Fernandes  
Monteiro, Cássia Maria, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Nome da estudante: Lara Baiense Scaramussa.

DRE: 117134104

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Centro de Letras e Artes – CLA

Escola de Belas Artes – EBA

Departamento de Artes Teatrais – BAT

Curso de Artes Cênicas - Cenografia

Título do projeto: Rubem Braga – dando à vida, Cachoeiro.

Nome da orientadora: Cássia Maria Fernandes Monteiro

Data da defesa: Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 2023.

Resumo: O projeto de cenografia é uma exposição imersiva para ser realizado no Salão “Levino Fanzeres” localizado dentro da Casa da Memória na cidade de Cachoeiro de Itapemirim. O tema central é a história e uma seleção de obras do cronista cachoeirense, Rubem Braga (1913-1990). A exposição visa apresentar um recorte da produção literária para os moradores de sua própria cidade natal e tem como intuito reacender a memória da cidade, ressignificar espaços e valorizar a cultura local. Foram selecionados alguns trabalhos do autor, utilizamos como referência os estudos de CASTILHO, S. (2022, 2021 e 2008) e das exposições de “Grande Sertão: Veredas” com cenografia de Bia Lessa, “Fernando Pessoa” com cenografia de Hélio Eichbauer e Luiz Henrique Sá e da exposição “A mão livre de Luiz Carlos Ripper” com assinatura de Lidia Kosoviski. Palavras-chave: Exposição, história, Cachoeiro de Itapemirim, Rubem Braga.



**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO EM  
ARTES CÊNICAS - CENOGRAFIA  
ATA DE DEFESA**

NOME: Lara Baiense Scaramussa

DRE: 117134104

TÍTULO DO PROJETO: Rubem Braga - dando à vida, Cachoeiro

ORIENTAÇÃO: Cássia Monteiro

A sessão pública foi iniciada às 19:40, realizada de modo presencial. Após a apresentação do trabalho de conclusão de curso o (a) estudante, foi arguido (a) oralmente pelos membros da Banca Examinadora e foi considerado (a):  APROVADO(A) /  APROVADO COM LOUVOR  APROVADO(A) COM RESSALVAS  REPROVADO(A), de acordo com os seguintes critérios:

	SIM	PARCIAL	NÃO
O (A) estudante demonstra competência para expressar uma linguagem própria como artista cênico	X		
O projeto evidencia fundamentação teórica com relação ao material que lhe serviu de base e diálogo com o contexto artístico e cultural a que se vincula o projeto	X		
O (A) estudante demonstra capacidade de organização do projeto gráfico, explicitando domínio com relação a formas, volumes e texturas	X		
O (A) estudante utiliza com propriedade os meios de representação gráfica, o raciocínio espacial, a proporção, o equilíbrio e a harmonia das criações		X	
O (A) estudante demonstra capacidade para realizar a aplicação prática do projeto: confecção, adequação de materiais, orçamento, realização de protótipos e modelos	X		
O (A) estudante apresentou Memorial Descritivo	X		

COMENTÁRIOS: A discente realizou uma proposta de Cenografia em homenagem a Rubem Braga e à sua cidade. A banca analisou a pesquisa sobre o autor e considera que a discente apresentou seu trabalho de modo satisfatório atendendo aos seguintes requisitos para aprovação.

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA
Cássia Monteiro (orientadora)	
Ronald Teixeira	
Andrea Renck	
Coordenador	
Lara Baiense Scaramussa	

## SUMÁRIO:

<b>Introdução .....</b>	<b>4</b>
<b>Sobre Cachoeiro .....</b>	<b>4</b>
<b>Família Braga e Cachoeiro .....</b>	<b>5</b>
<b>Escolha do projeto .....</b>	<b>6</b>
<b>Referências artísticas para a instalação.....</b>	<b>7</b>
<b>Primeiro teste de desenho.....</b>	<b>7</b>
<b>Segundo teste de desenho.....</b>	<b>9</b>
<b>Definição da instalação para a exposição.....</b>	<b>10</b>
<b>Escolha das crônicas.....</b>	<b>11</b>
<b>Referências artísticas da exposição .....</b>	<b>16</b>
<b>Definição do local.....</b>	<b>16</b>
<b>Estudo do espaço expositivo escolhido.....</b>	<b>17</b>
<b>Composição da exposição .....</b>	<b>19</b>
<b>Disposição dos elementos na exposição.....</b>	<b>29</b>
<b>Estudos de volume - maquete 1/25.....</b>	<b>30</b>
<b>Orçamentos .....</b>	<b>31</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>31</b>

## MEMORIAL DESCRITIVO

### INTRODUÇÃO

Meu projeto se dá início com o meu desejo de trazer a história da minha cidade, Cachoeiro de Itapemirim, para seus moradores, contar sobre a cidade dentro da própria cidade, valorizar nossas origens, algo que carregarei comigo durante toda a minha trajetória na faculdade.

Tive a oportunidade durante o curso de pesquisar também sobre artistas de minha terra natal e foi por isso que somei ao projeto, Rubem Braga. Rubem se formou em Direito, mas nunca exerceu, seguiu a carreira jornalística em várias cidades e foi correspondente na Revolução Constitucionalista, em São Paulo e durante a Segunda Guerra Mundial.

Em seus textos, Braga, sempre trouxe Cachoeiro ao falar sobre saudosismo, ler suas crônicas é fazer uma viagem por sua sensibilidade materializada. Com o tempo, ganhou notoriedade em seu trabalho e em consequência disso minha cidade ganhou visibilidade no contexto nacional. E é por isso, o título da exposição: “Rubem Braga – dando à vida, Cachoeiro”.

Contei com o estudo de outras exposições que serviram como referência direta para o meu trabalho. São montagens recentes de artistas que sempre admirei.

### SOBRE CACHOEIRO

Cachoeiro de Itapemirim é uma cidade ao sul do estado do Espírito Santo com aproximadamente 200.000 habitantes, teve seu desenvolvimento ligado diretamente ao porto, construído no rio Itapemirim, que recebia e escoava café para toda a região. E, também por esse motivo, logo houve a necessidade de conceber aqui a rede ferroviária e vias de comunicação, sendo intitulada, símbolo de “progresso”.

Minha cidade conta também com um berço artístico muito vasto; pintores, escritores, poetas e cantores. Rica em recursos minerais, sendo o mármore e granito seu grande triunfo, pioneira na instalação de energia elétrica em nosso estado, não é atoa considerada a “capital secreta do mundo” título que muito orgulha seus moradores. São filhos da cidade: o cantor Roberto Carlos, o compositor Sergio Sampaio, a atriz naturalista Luz del Fuego, o produtor musical Carlos Imperial, o ator Jece Valadão, e o que eu tenho mais identificação; Rubem Braga, considerado o melhor cronista de nosso país.

“Por sua obra, marcada por lirismo sóbrio e humor agridoce, interessou-se a melhor crítica brasileira, estudiosos como Antonio Candido, Decio de Almeida Prado, Augusto Massi e, em especial, Davi Arrigucci Jr., em mais de uma ocasião debruçado sobre “o encanto extraordinário da prosa de Rubem Braga”. Com ele, escreveu Arrigucci, “estamos sempre ao pé do fogo, esperando a próxima”. É que o faremos também nós, aqui neste reduto da melhor crônica brasileira”.

Humberto Werneck, para Portal da crônica – acessado em novembro de 2023.

## **FAMÍLIA BRAGA E CACHOEIRO**

Rubem nasceu em Cachoeiro no ano de 1913, e viveu aqui até os 11 anos. Carregou em seu sobrenome imensa relevância, pois falar da família Braga é contar a história do município do princípio.

Francisco Braga e Rachel Coelho, pais dos irmãos Braga eram do interior quando se casaram, porém, logo vieram para a cidade. Tiveram 12 filhos ao todo, más, somente 7 chegaram a fase adulta. Jerônimo, filho mais velho, lutou toda a vida contra a tuberculose e morreu jovem, Carmosinha, a primeira a dirigir, alfabetizou Newton e Rubem. Armando fundou o jornal Cruzeiro do Sul, mais tarde ocupando um papel importante na cidade, além de possuir relevância econômica sendo considerado o responsável pela sobrevivência de toda a sua família. Em seguida Newton, que foi um grande poeta. E finalmente, Rubem Braga, Advogado de formação e Cronista. Já as casulas: Yedda, que casou com Murilo, amigo de Newton e foi morar no Rio de Janeiro, e Anna Graça, que ficou em Cachoeiro e tinha o dom da pintura, sem nunca ter estudado o ofício, considerada uma auto didata.

A infância dos 7 filhos do casal, é contada por Rubem em suas crônicas, com suas aventuras pela cidade. Seja brincando e nadando no Rio Itapemirim, quase na porta de casa, subindo em árvores, especialmente as de seu quintal, hoje o centenário pé de fruta-pão, as visitas aos familiares na fazenda do Frade (distrito de Cachoeiro, e terra de Rachel Braga, a mãe) onde andavam a cavalo, saiam para caçar e o que mais buscavam: inhambu, ave de porte médio com a carne considerada parecida com o frango, os momentos das refeições em família que eram sagrados e as visitas a cidade vizinha Marataízes, lugar este que presenciou passeios no qual Rubem Braga contou com maestria em suas crônicas.

“Mas a gente da terra, os Maratimbas, não mudaram nada. Os homens continuam a pescar, e as mulheres a fazer esteiras e farinha de mandioca; e os que moam mais para o sul continuam a vir pela praia longa escanchados em suas águas, com os balaios cheios de melancia ou abacaxi. Usam o mesmo processo de vender, desconfiado, lento, oblíquo; suportam as brincadeiras dos veranistas sem achar graça nem zangar”. (BRAGA, Maratimbas, 1955.)

Muitos desses momentos, nos trazem uma viagem por suas memórias e afetos que o mesmo desenvolveu em sua infância. Com sua escrita de traços irônicos, sempre soube com destaque transitar por variados temas e foi por isso também que ganhava cada vez mais espaço.

As temáticas trabalhadas pelo “velho Braga” - título que o mesmo se deu em sua fase adulta, primeiramente passou pelos aspectos desumanos da sociedade industrial que se formava no Brasil, com isso a sua crítica a mecanização do Homem. Outros pontos que também são associados era o

tempo e a ilusão de felicidade do Ser humano com presente, de como as vezes é preciso relembrar o passado para isso. Traz a natureza e o progresso mecanista, a relação do homem e a cidade, o desdém com o progresso material, diversas reflexões abordando o termo “casa” como um espaço materno, sendo a raiz/elo fundamental entre o passado e o futuro (na praia, sendo sua casa no Rio, onde passou a maior parte de sua vida). A imagem feminina também era um ponto marcante de sua escrita, sendo sempre “o sagrado”, e por fim, a política, com a crítica social do controle de um indivíduo sob o outro. (Análise com base na resenha “Melhores crônicas, Rubem Braga” do professor Gustavo Borges).

### **ESCOLHA DO PROJETO:**

A minha vontade de montar uma exposição que abordasse os textos de Rubem e a minha cidade, Cachoeiro, se deu por buscar a valorização da minha terra natal. Quero reacender nos moradores esse afeto que sinto lendo suas memórias, propor uma viagem pelas linhas, imagens e formas.

Durante as aulas da disciplina de Cenografia IV ministradas pela professora Andrea Renck, tive a oportunidade de produzir um cenário no qual o destaque do meu projeto foi o tecido voil, particularmente, me familiarizei com esse material, pelo custo-benefício e também por sua liquidez. Senti, nesse momento, que poderia explorá-lo de um novo jeito e tentar inicialmente materializar a fluidez que encontrei em suas crônicas.

Foi um longo processo de muitas descobertas para mim, através dos desenhos e estudos com o material, precisei repensar algumas ideias até chegar no meu objetivo final.

### **REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS PARA A INSTALAÇÃO:**



Prancha - Referências para a exposição imersiva.

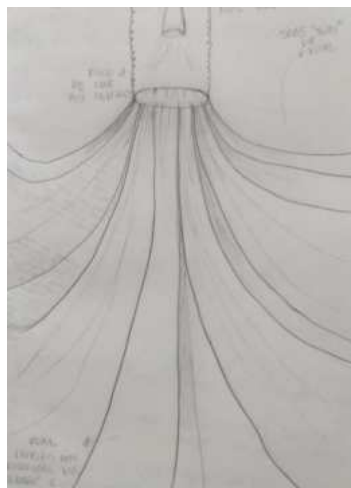
Busquei em artistas que já tive contato em aulas da faculdade, referências que dialogassem com o que queria para meu projeto. Para trazer o movimento



que o voil me remetia: Malin Bulow, artista nascida na Suécia, se formou em Belas Artes em 2016 em Oslo. A artista realizou diversas exposições e tem recebido atenção por suas instalações performáticas, em várias de suas obras os movimentos dos corpos sob o tecido tem relação direta com a arquitetura formando assim esculturas elásticas. Na minha busca por estruturas leves, cheguei ainda à Frei Otto, arquiteto, ambientalista, engenheiro, inventor, considerado uma das principais referências da arquitetura contemporânea. Otto sempre destacou a importância de se aproveitar materiais comuns e acessíveis para coberturas leves e valorizar o que cada lugar possui.

### **PRIMEIRO TESTE DE DESENHO:**

Em desenho teste, cheguei inicialmente a essa estrutura(figura 1). Com uma base circular suspensa em uma argola de metalon, estaria presa em formato de faixas o tecido voil coberto por escritos, crônicas de Rubem Braga, que se posicionariam livremente num espaço fechado, em referência à “casa” uma das temáticas abordada por Braga.



Primeiro croqui desenvolvido por mim.

Para acolher então essa estrutura/projeto de instalação, realizei minha primeira visita técnica, na Casa dos Braga (localizada na cidade de Cachoeiro). Escolho esse lugar, pois além de sua memória, tive contato com o mesmo durante uma aula do professor Ronald Teixeira, em que foi proposto levar fotografias de construções/lugares que contassem a história de cada cidade natal de seus alunos.

## CASA DOS BRAGA - 1º OPÇÃO

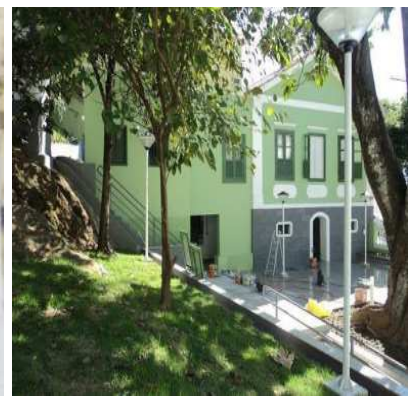


Prancha de fotografias durante a visita técnica à casa dos Braga.

A casa centenária é patrimônio tombado pelo município e funciona hoje como um Museu com visita guiada. Em seu interior foi mantida toda a disposição dos móveis e espaços da época em que a família vivera. E por esse mesmo motivo, não é possível montar, nem ocupar com nenhuma outra obra ou exposição que não pertença ao projeto atual deles, sendo impossível a realização de uma exposição imersiva tal qual era o objetivo do projeto no início.

### SEGUNDO TESTE DE DESENHO:

Por não conseguir levar essa primeira estrutura para o ambiente que imaginei comportá-la e visto que em um novo lugar não teria o sentido esperado, comecei novos testes com desenhos e espaços, visando encontrar uma nova formulação.



Desenhos livres experimentando o tecido na área externa da casa dos Braga. Fotografia da área externa da casa dos Braga realizada durante visita técnica.

Em uma tentativa de manter relação direta com a casa na qual Rubem nasceu, experimento levar para a parte externa no quintal, essa nova estrutura, mesmo que ainda sem muita definição da forma. É um espaço aberto com o fluxo de pessoas limitado, pois, para chegar ali ainda é preciso passar pela exposição no interior da casa e sendo assim, acaba tendo ligação direta com os objetos expostos e funcionando quase como uma continuação/extensão. E por isso, também foi considerado como uma opção para realização do projeto.

### **OUTROS LOCAIS POSSÍVEIS:**

Em busca de encontrar um novo espaço que a instalação ocupasse, cheguei a visitar o centro de minha cidade. Desejei realizar um percurso para o transeunte da cidade de Cachoeiro e escolhi alguns pontos de instauração de trabalhos e até pré selecionei alguns que tivessem relação com sua história e da família Braga.

AV. BEIRA RIO - EMBAIXO DA PONTE DE FERRO



PTE. FERNANDO DE ABREU



AV. BEIRA RIO



PRAÇA JERÔNIMO MONTEIRO



Opções de lugares do Centro de Cachoeiro

Mas após algumas visitas, tive ainda mais certeza de que meu desejo era levar a cidade para dentro de um espaço fechado e fazer um convite para os moradores num local mais concentrado, e não o movimento contrário.

### **DEFINIÇÃO DA INSTALAÇÃO PARA A EXPOSIÇÃO:**

Sem local e com a forma em aberto, recomecei novos desenhos somando aos outros já feitos e testando formatos, criei uma proposta de instalação que denominei “A viagem”. O meu intuito era que o espectador ao penetrar nessa estrutura viajasse por meio do meu olhar da cidade ao ler e escutar a obra de Rubem Braga.

Com a proposta de ser uma cápsula do tempo, adentre nessa estrutura como se fosse fazer uma viagem, visitando, a partir da narrativa das crônicas de Rubem Braga, um Cachoeiro antigo, onde as crianças podiam correr livres pelas ruas,

os adultos encontrando o prazer dos flertes nas praças e nos singelos sorrisos. É ao indivíduo, um chamado a um passeio por suas emoções em seu desenvolvimento desde criança até sua fase adulta.



A instalação possui uma forma circular de metalon de 1,10m de diâmetro que será suspensa e nela fixada o tecido voil branco inteiriço com o mínimo de emendas, e não mais em faixas. Contará com uma fenda, tornando possível transitar através dela e serão 4 instalações iguais, sendo necessário 12 metros de tecido para revestir cada “argola”. Para sua fixação, trago como sugestão serem presas as paredes laterais da sala com pitões, cabos de aço e seus respectivos esticadores, outra possibilidade também, é de adicionar um grid ao teto da sala. Ambas ideias serão discutidas com o cenotécnico para encontrarmos juntos a melhor solução arquitetônica.

Para somar ao conceito da instalação proponho também posicionar uma cadeira (como demonstra a imagem acima) para que o visitante possa se acomodar e passar pela experiência de escutar a narração de algumas crônicas de Rubem Braga. E para isso, será posicionado na base de cada argola, caixas de som direcionais, “speaker”, em formato de conchas acústicas, com elas é possível que somente o indivíduo dentro da instalação escute a narração.



Caixa de som direcional.

## **ESCOLHA DAS CRÔNICAS:**

Voltei o meu olhar para as leituras das obras de Rubem Braga, para selecionar as que estarão sendo narradas dentro da instalação e com o intuito de terminar a composição da exposição. E teci um trabalho de decupagem do material.

Devido a sua escrita com temática ampla e com centenas de produções, levei em consideração escolher as que trabalhem os sentimentos que quero transmitir. Os textos precisam dialogar com o espaço – sala escolhida por estar dentro de um ambiente que já foi uma casa, com a memória visual da cidade e dos moradores, assim como com as de Rubem Braga, que demonstram o sentimentalismo e a saudade, com a escolha do tecido para ganhar o sentido que o voil tem pra mim e com as escolhas de composição da exposição.

Cheguei a quatro crônicas que conversam diretamente com os sentimentos que desejo transmitir:

### *O CAJUEIRO*

28 SETEMBRO 1954

O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro atrás de casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu. Eu me lembro do outro cajueiro que era menor, e morreu há muito tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas de S. Jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude. Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos de folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flores humildes, "beijos", violetas. Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado de casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas, o córrego, o rio e as ilhas, as casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde. No último verão ainda o vi; estava como sempre carregado de frutos amarelos, trêmulo de sanhaços. Chovera; mas assim mesmo fiz questão de que Carybé subisse o morro para vê-lo de perto, como quem apresenta a um amigo de outras terras um parente muito querido. A carta de minha irmã mais moça diz que ele caiu numa tarde de ventania, num fragor tremendo pela ribanceira; e caiu meio de lado, como se não quisesse quebrar o telhado de nossa velha casa. Diz que passou o dia abatida, pensando em nossa mãe. Diz que seus filhos pequenos se assustaram; mas depois foram brincar nos galhos tombados. Foi agora, em fins de setembro. Estava carregado de flores.

Publicado no jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1954.

### *A CASA*

12 DE MAIO DE 1957

Outro dia eu estava folheando uma revista de arquitetura. Como são bonitas essas casas modernas; o desenho é ousado e às vezes lindo, as salas são claras, parecem jardins com teto, o arquiteto faz escultura em cimento armado e a gente vive dentro da escultura e da paisagem. Um amigo meu quis reformar seu apartamento e chamou um arquiteto novo. O rapaz disse: "vamos tirar esta parede e também aquela; você ficará com uma sala ampla e cheia de luz. Esta porta podemos arrancar; para que porta aqui? E esta outra parede vamos substituir por vidro; a casa ficará mais clara e mais alegre". E meu amigo tinha um ar feliz. Eu estava bebendo a um canto, e fiquei em silêncio. Pensei nas casinhas que vira na revista e na reforma que meu amigo ia fazer em seu velho apartamento. E cheguei à conclusão de que estou velho mesmo. Porque a casa que eu não tenho, eu a quero cercada de muros altos, e quero as paredes bem grossas e quero muitas paredes, e dentro da casa muitas portas com pesadas trancas; e um quarto bem escuro para esconder meus segredos e outro para esconder minha solidão. Pode haver uma janela alta de onde eu veja o céu e o mar, mas deve haver um canto bem escuro em que eu possa ficar sozinho, quieto, pensando minhas coisas; um canto bem escuro onde um dia eu possa morrer. A mocidade pode viver nessas alegres barracas de cimento, nós precisamos de sólidas fortalezas; a casa deve ser antes de tudo o asilo inviolável do cidadão triste; onde ele possa bradar, sem medo nem vergonha, o nome de sua amada: Joana, JOANA! – certo de que ninguém ouvirá; casa é o lugar de andar nu de corpo e de alma, e sítio para falar sozinho. Onde eu, que não sei fazer versos, possa improvisar canções em alta voz para o meu amor; onde eu, que não tenho crença, possa rezar a divindades ocultas, que são apenas minhas. Casa deve ser a preparação para o segredo maior do túmulo.

Publicado no Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 1960.

## EM CACHOEIRO

20 DE JANEIRO DE 1947

RIO – Chego à janela de minha casa e vejo que umas coisas mudaram. Ainda está ali a longa casa das Martins, a casa surpreendente de dona Branquinha. Relembro os bigodes do coronel e as moças que estavam sempre brigando porque nossa bola batia nas vidraças. Jogávamos descalços na rua de pedras irregulares e tínhamos os dedos e unhas dos pés escalavrados e fortes. Vista de fora, pode parecer quente; mas ainda sinto na planta dos pés o frio bom dos ladrilhos da ampla sala toda aberta para a sombra doce do pomar de romãs e carambolas; atrás do pomar o rio chorando. Ali está ainda a casa de meus tios onde antes moraram os Leão e os Medeiros. Agora até meu tio morreu, e no lugar do pé de cajá-manga há uma mangueira; e um renque de acácias espanholas, amarelas e vermelhas, corre sob as janelas do lado. Vão construir no terreno em frente, onde havia aquela interminável família de negros e depois os cachorros de caça do Nilo Nobre. Estou cercado de lembranças – sombras, murmúrios, vozes da infância, preás, mandis e sanhaços; gosto de ingá na ilha do rio, fruta-pão assada com manteiga, fumegante, no café da tarde, lagostins saindo das ocas e passeando na areia nas tardes quentes, piaus vermelhos, lua atrás do Itabira, nomes que esquecera, aquela menina lourinha, filha de "seu" Duarte, que morreu, enterro alegre, de meu irmão, acho que Franscisquinho, como nós todos, esperando debaixo do caramanchão; e meu pai na cadeira de balanço, Zina guiando o Ford, bois passando para o matadouro, mulheres de

lenço na cabeça descendo do Amarelo, vendendo ovos a um "florim" a dúzia; e escorregamos em folha de pita pelo morro abaixo até o açude... Mergulho nesse mundo misterioso e doce e passeio nele como um pequeno rei arbitrário que desconhece o tempo; ainda existe o colégio de Tia Gracinha, ainda existe o coqueiro junto da ponte do córrego; esfregamos nossos braços com urucu, e, para evitar frieira, temos sempre um barbante amarrado no tornozelo. São dezenas, centenas de lembranças graves e pueris que desfilam sem ordem, como se eu sonhasse. Entretanto uma desse mundo perdido ainda existe, e de modo tão natural e sereno que parece eterno; agora mesmo chupei um caju de 25 anos atrás. RIO – É extraordinário que eu esteja aqui, nesta casa, nesta janela; e ao mesmo tempo é completamente natural, e parece que toda minha vida fora daqui foi apenas uma excursão confusa e longa: moro aqui. Na verdade, onde posso morar senão em minha casa? Abre-se uma janela do Centro Operário. Será a aula de dona Palmira em 1920 ou há reunião para discutir os estatutos? Durante toda a minha infância eles discutiam os estatutos. Eu não podia entender nada, mas havia pontos terrivelmente sérios. Era "Centro Operário de Proteção Mútua" ou "Centro Operário de Proteção Mútua"? Pela noite afora, ano após ano, um mulato meio velho e magro, de óculos, o dedo em riste, a voz rascante, atacava com extraordinária ferocidade aquele E. Não consegui derrubá-lo; os operários talvez se sentissem fracos, sozinhos, precisavam daquele E que os conjugava com outras camadas sociais. Ficou o E, meu pai foi diretor, e quando morreu teve auxílio no enterro, tudo sem ser operário tudo graças àquele E. Sem o E eu talvez não tivesse estudado ali, não me sentaria no comprido banco, onde o último à esquerda era o preto Bernardinho e à direita o rosto lindo de Lelia, com seus cabelos doces e uma covinha quando sorria. Quando não estavam discutindo os estatutos, ou providenciando um enterro de sócio, com a bandeira do Centro em cima do caixão, os operários E todos os que queriam proteção mútua estavam dançando; sons de pistom atravessam meu sono infantil; eu achava extraordinário e ao mesmo tempo alegre e feliz haver baile, na mesma sala onde eu tinha aulas. Bem, tenho de sair. Mas no momento em que vou deixar a janela vejo um homem que passa para baixo; é um velho com seu andar lento. É Chico Sapo. Inútil querer lembrar-lhe o nome. Talvez ele se zangue com esse; mas eu nunca soube de outro, e esse nome que a um estranho pode parecer engraçado a verdade é que ele tem para nós alguma coisa de nobre. Sim, é 07/11/2023, 16:04 Em Cachoeiro | Crônicas | Portal da Crônica Brasileira <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/12029/em-cachoeiro> 3/4 Chico Sapo, o ferreiro, pai de Manuel Sapo e também de Pio Sapo, que agora me contam que morreu. É velho Chico Sapo, e nenhum rei da Inglaterra tem um nome mais nobre. Lá vai ele, no seu lento andar de sempre, mais velho e útil que o pé de fruta-pão, da idade talvez das águas do rio, e tão antigo e tão laborioso e tão Cachoeiro de Itapemirim como as águas do rio. Passa agora como passava na minha mais remota infância; trabalha através dos séculos, sério, calado e obscuro o velho Chico Sapo; e é sólido, respeitável e eterno. Quando volto ao Centro e olho de baixo para a Câmara Municipal, não é um trabalhador do tempo de minha infância que vejo. Mas é também um trabalhador que está ali, de pé, junto àquela porta, de compondor na mão com o mesmo assobio de 18 anos atrás. Lá está Helio Ramos diante de sua caixa de tipos. Eu estou longe daquele menino de 15 anos metido a fazer artigos, e meus amigos também envelhecem. João Madureira se lamenta da careca; sentimo-nos passar e estragar. Mas vemos lá em cima Helio Ramos no seu posto. Sou informado de que agora ele tem seis

filhos e não apenas toca na banda como é maestro. Mas ali, de compondor na mão, é o mesmo Helió Ramos, grave e eterno, acumulando uma estranha nobreza no melhor valor dessa palavra, nobreza igual à de lorde Chico Sapo, à de "Sir" Orlando Sapateiro, nobreza de Cachoeiro de Itapemirim.

Publicado no Jornal Folha da Noite, São Paulo, 1947.

## MARATIMBAS

10 DE MARÇO DE 1955

Maratázes mudou muito. Mas a gente da terra, os maratimbas, não mudaram nada. Os homens continuam a pescar, e as mulheres a fazer esteiras e farinha de mandioca; e os que moam mais para o sul continuam a vir pela praia longa escanchados em suas águas, com os balaios cheios de melancia ou abacaxi. Usam o mesmo processo de vender, desconfiado, lento, oblíquo; suportam as brincadeiras dos veranistas sem achar graça nem zangar; insistem em vender abóboras ou melões aos cestos ou centos. Como os aldeões de Capri, eles são imutáveis; e ninguém saberá nunca o que, no íntimo eles pensam dessas mocinhas de calças compridas ou de "shorts" que invadem a praia; como outros milhões de pescadores do mundo, jamais tomam banho de mar, e não sabem nadar. Não esperam enriquecer; o homem que mala três pescadas ou duas garoupas, levanta a poita e abre o pano, rumo a terra.

Estamos pescando, mas nossas iscas, que se destinam a peixes grandes, são insidiosamente roídas pela muiçalha; o maratimba propõe mudar de pouso – "aqui tem frevura" de peixe miúdo" . . . Descobriram a palavra "trovande", que exprime não sei bem o que, uma chuva ligeira quando no horizonte, longe, há nuvens pretas, coriscos, trovões de uma tempestade itinerante; e a corrente que puxa para fora continuam a chamar de "arrieiro". Usam ainda o mesmo uniforme: pé descalço, calça, paletó e chapéu de palha, mas sempre muitomais limpos que o mocorongo do interior. E não moram jamias perto da praia, mas lá para trás, na aba do morro. O rádio ainda não estragou seu gosto pelos desafios e catambás.

E são pobres, como antigamente; os únicos motores que há na praia são de veranistas de gente de Cachoeiro que gosta de pesar; Falam pouco, fogem à conersa com estranhos; se me dão alguma atenção é porque sou irmão do dr. Newtoon, filho do falecido coronel Braga (e um deles tira o chapéu de palha, como se o entêrro de meu pai estivesse passando).

O compadre Joaquim Capixaba conta que meu afilhado João deixou de pescar e a praia, foi para o Rio de Janeiro, está se arrumando por lá: "não há de ser meu afilhado..."

Publicado no jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1955.

A escolha das crônicas se deu através da relevância que as obras possuem na carreira de Rubem e de reflexões que as mesmas me causaram. Mas é importante salientar que foi uma perspectiva exclusivamente minha, somando as experiências que já vivi e tudo que li. Por isso a ordem das narrações será aleatória para os visitantes, para que junto a imersão na exposição e na instalação, seja livre a novas interpretações.



Defini as crônicas: “Em Cachoeiro” por trazer as memórias de Rubem Braga, rica de sua descrição minuciosa, cheia de detalhes, sendo possível entender a dinâmica que acontecia nos seus dias em sua infância, os lugares que frequentava, a relação com seus vizinhos, suas amizades e os moradores de Cachoeiro conseguem ao ler ou escutar, se reconhecer nelas. Em “A casa”, Rubem trabalha muito bem com o sentimento de pertencimento e acolhimento que a estrutura representa. Na crônica “Maratimbas” - termo utilizado para os nascidos em Marataízes, cidade litorânea próxima a Cachoeiro, na qual sua família mantinha uma casa de veraneio – Braga, fala sobre a simplicidade dos moradores locais, lembranças de suas férias e das visitas dos Cachoeirenses a mesma. Por fim, escolhi “O Cajueiro” que é um texto contando uma história simples, sobre o pé de fruta que marcou sua infância e caiu, mas que traz uma reflexão profunda sobre a passagem do tempo e seus significados, como dependendo do contexto as coisas ganham um novo sentido e a vida precisa seguir.

#### REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS DA EXPOSIÇÃO:



Prancha de referências para a exposição.

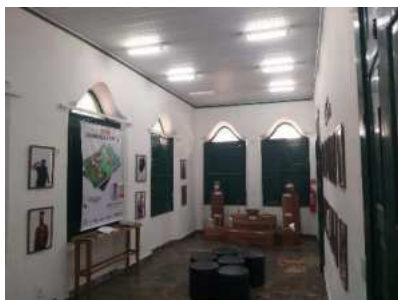
Para compor a exposição que além de trazer Cachoeiro como tema abrigará a instalação “A viagem”, com o auxílio da minha orientadora Cássia Monteiro, busquei novas referências. A exposição “Grande Sertão: Veredas” realizada por Bia Lessa cenógrafa, figurinista e arquiteta, utilizou de materiais simples para levar o visitante a uma imersão a obra e contou como recurso sonoro da narração de trechos. A série “Penetráveis” do Hélio Oiticica me chama a atenção pela experiência sensorial através dos sentidos e pela relação com o espaço. Tanto a exposição “Fernando Pessoa: plural como universo” realizada

por Helio Eichbauer e Luiz Henrique de Sá quanto a exposição “A mão livre de Luiz Carlos Ripper” por Lidia Kosovski entram como referências pela disposição dos objetos pelo local e a escolha da iluminação, em uma brincadeira de cores e posicionamentos de luz.

### **DEFINIÇÃO DO LOCAL:**

Com a instalação definida existia ainda o meu desejo de somar a ela uma exposição, sendo assim, retomei minha pesquisa por lugares possíveis para essa exposição. Por meio da indicação de vários moradores e profissionais da cultura encontrei a Casa da Memória (localizada na cidade de Cachoeiro, rua 25 de março, número 106).

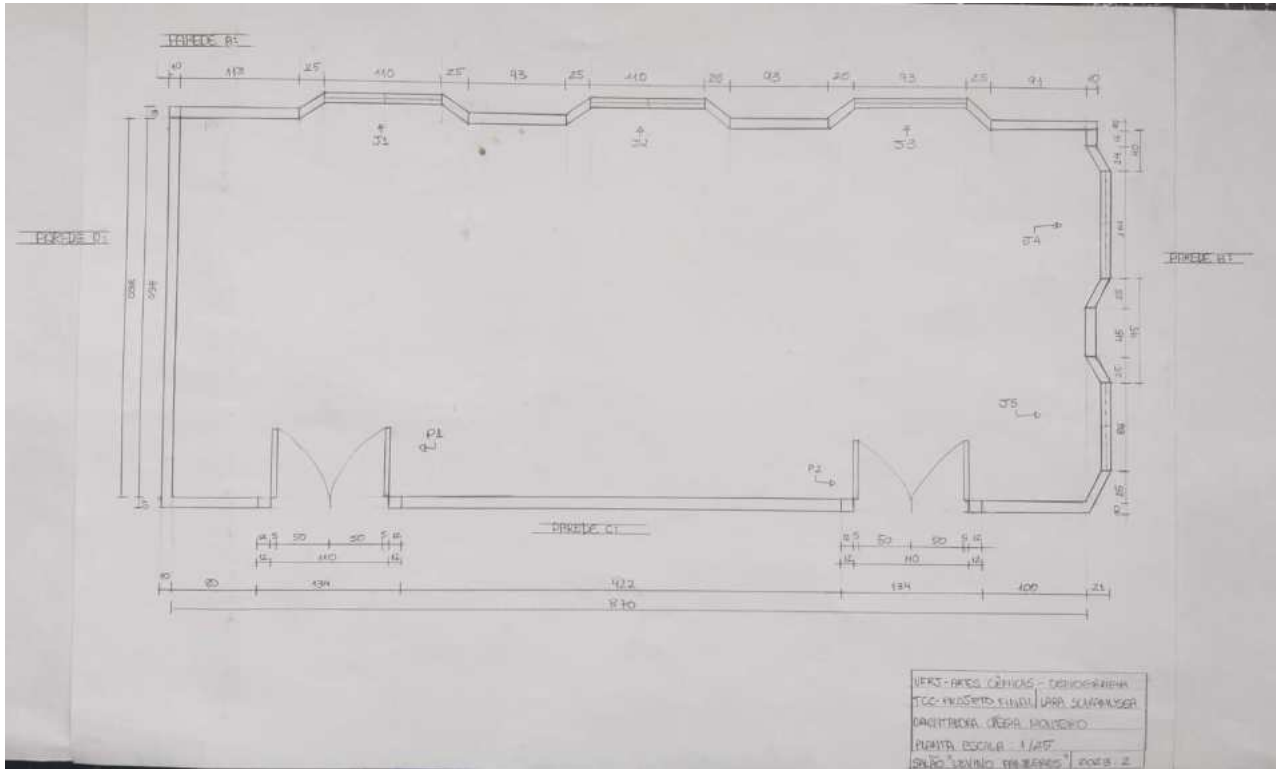
A casa é patrimônio tombado pela prefeitura devido a sua importância cultural para a cidade. Hoje funciona como biblioteca pública e abriga a Academia Cachoeirense de Letras, além de também comportar o “Salão Levino Fanzeres”, que é uma sala utilizada para exposições artísticas. Ela é o espaço perfeito para a instalação “A viagem”, um ambiente fechado em um lugar que já foi uma residência, cercada por história e pelo acervo local, conta dessa forma com um fluxo constante de pessoas e repleto de significados e memórias.



Fotografias realizadas por mim do Salão Levino Fanzeres, onde será realizado a exposição.

## ESTUDO DO ESPAÇO EXPOSITIVO ESCOLHIDO:

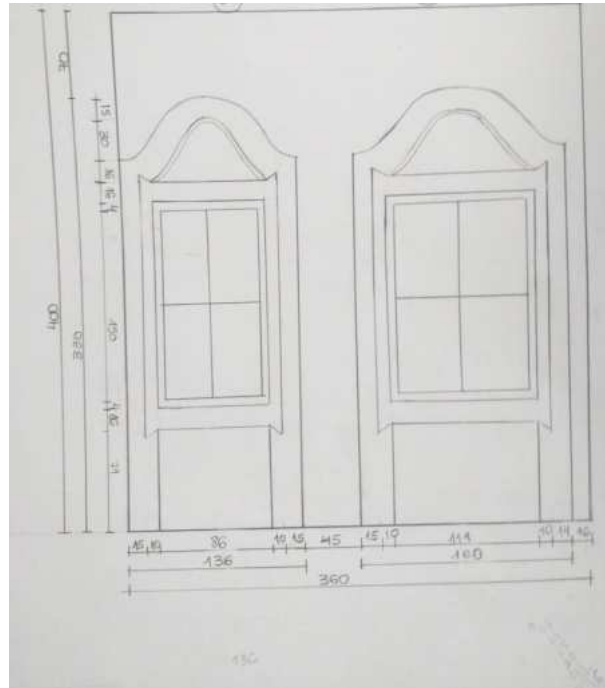
Realizei uma visita técnica ao espaço e tirei todas as medidas para a planta baixa e as vistas frontais das paredes. A sala possui 8,70 x 4,0 metros, 7 tomadas, 10 lâmpadas, 2 portas de duas folhas cada – na mesma parede - 5 janelas de estilo colonial, paredes brancas e piso em granito (trocado recentemente).



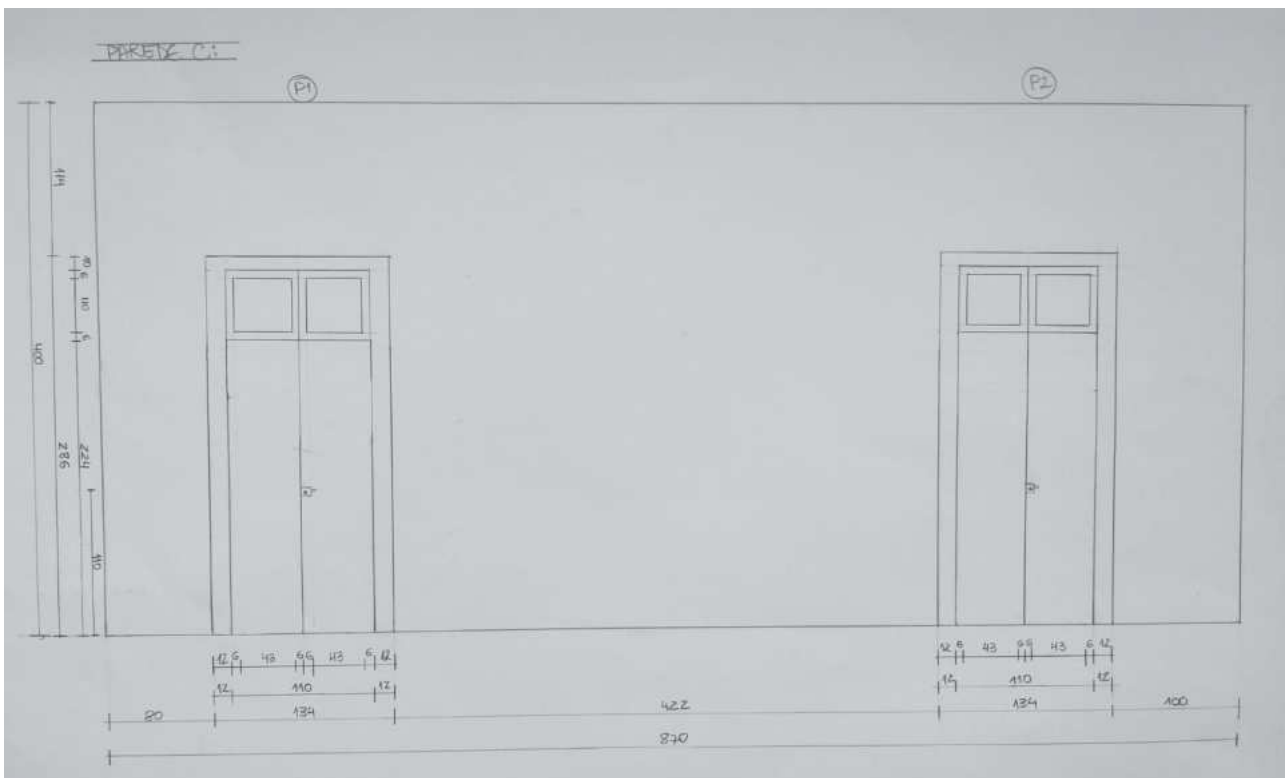
Planta do Salão Levino Fanzeres na escala 1/25.



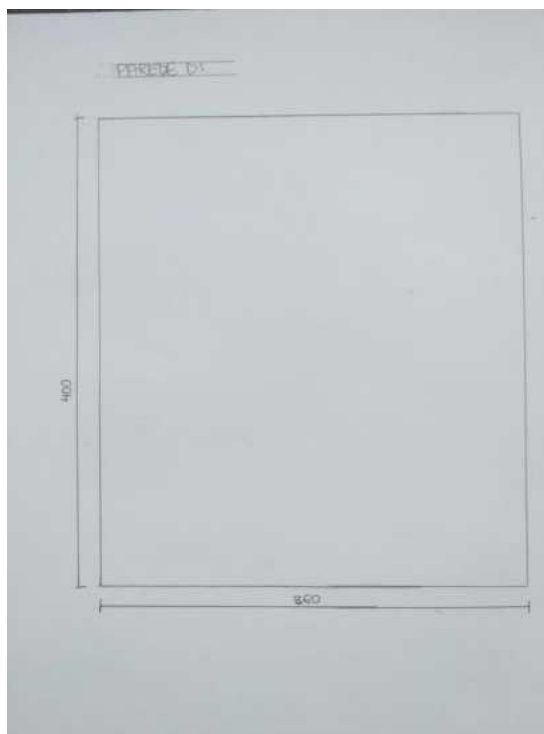
Vista frontal parede A



Vista frontal parede B



Vista frontal parede C



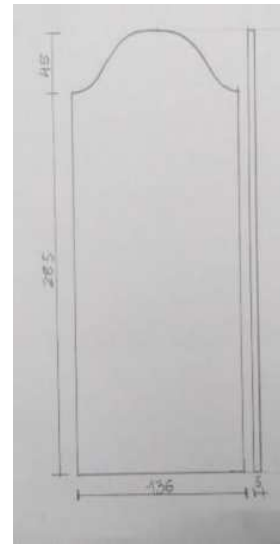
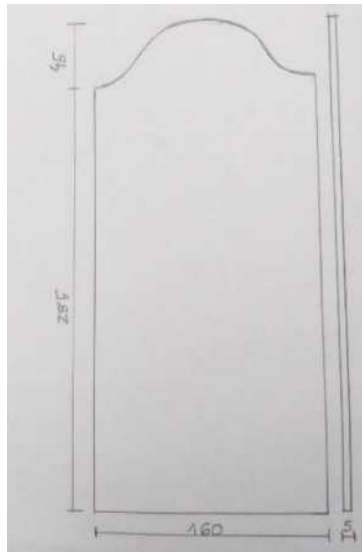
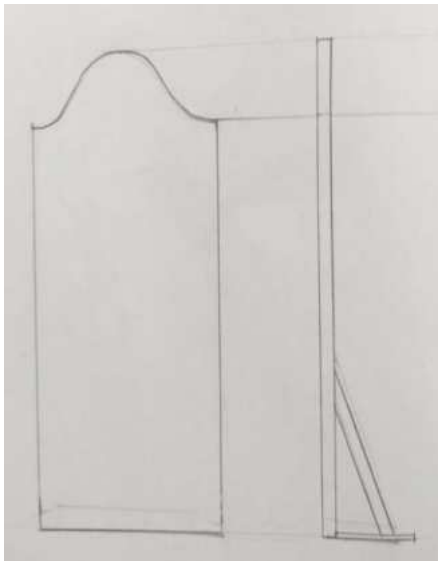
Vista frontal parede D

### **COMPOSIÇÃO DA EXPOSIÇÃO:**

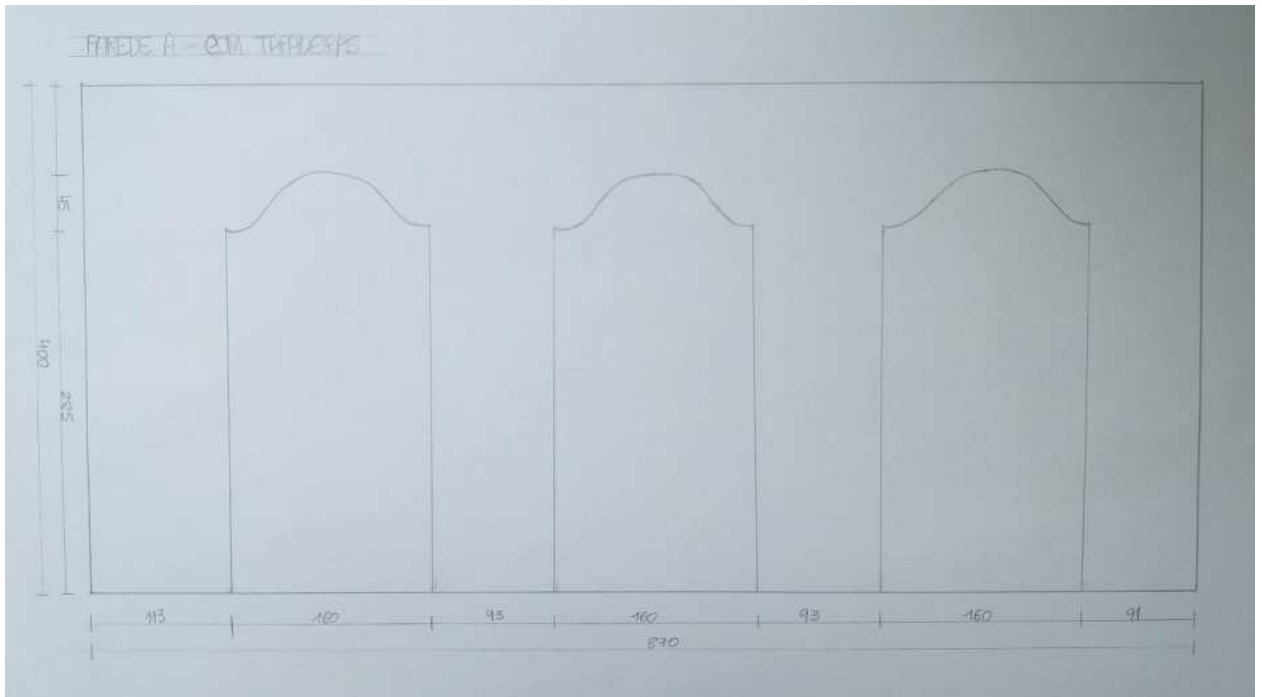
Dessa forma, junto com as minhas referências e a partir da análise do espaço que tenho disponível, projeto a composição da minha exposição.

### **Paredes:**

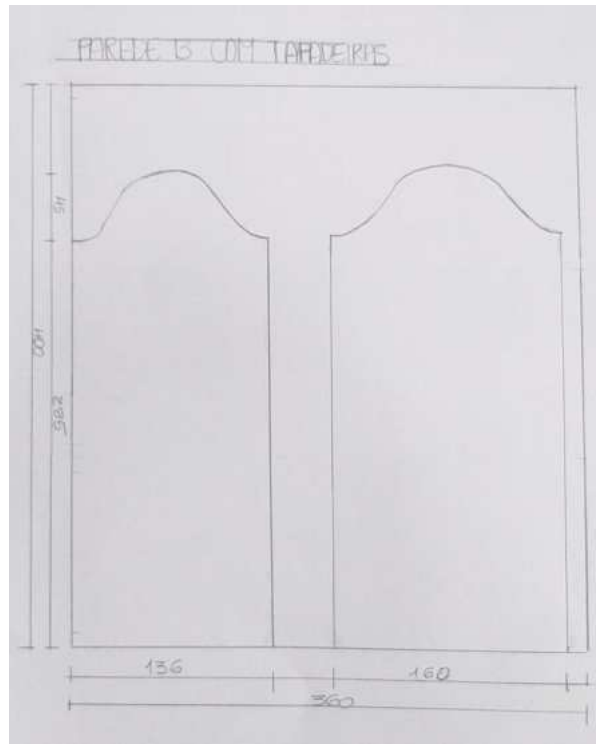
São quatro paredes a serem trabalhadas. A parede "A" possui três janelas coloniais e a parede "B" duas, todas com recuo. Como não vou usar da luz natural que me permitiriam e a estrutura das mesmas não acrescenta ao projeto, quero cobri-las e assim, nivelar as paredes. Para isso construirei tapadeiras.



Tapadeira - Janela 1,2,3 e 4    Tapadeira - janela 5  
 DESENHO TÉCNICO - TAPADEIRA DAS JANELAS ESCALA 1/25



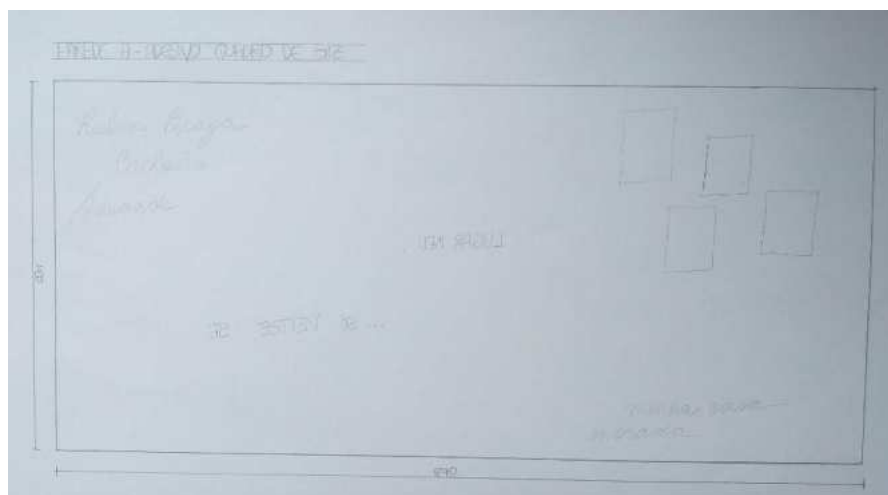
Desenho vista frontal parede A com tapadeiras – escala 1/25



Desenho vista frontal parede B com tapadeiras – escala 1/25

Será necessário quatro tapadeiras de 1,60 x 3,30 m e uma de 1,36 x 3,30 m. Cada chapa de compensado tem 2,50 x 1,60 m, para as janelas serão necessárias 7 unidades. Consigo assim nivelar o recuo e deixa-las inteiramente planas.

Na parede “A” trago a proposta de criar um imenso quadro negro, para isso, o material escolhido é o adesivo vinil preto fosco, pois agride menos a pintura da parede original e será necessário 26 unidades. Visto que é vendido em rolo e que cada um possui 100 x 50 cm.



Desenho vista frontal parede A – adesivo vinílico. Escala 1/25

A ideia do quadro surgiu durante meu estudo sobre a vida de Rubem. Ele que percebeu o poder das palavras ainda criança, começou a escrever durante suas aulas de português e na escola já chamava atenção por seus trabalhos, depois dali não parou mais.

Nesse quadro estará escrito trechos de crônicas de Rubem Braga e trechos de críticas e músicas sobre a cidade, em Giz. Para produzir essa escrita busco uma parceria com algum artista local que fará de próprio punho. Mas ainda que ler tudo isso seja de um imenso valor, quero adicionar ao quadro também lambes feitos com papel jornal. Nele será impresso em tamanhos variados diversas cópias das crônicas, que estão disponíveis no acervo da Fundação Casa Rui Barbosa

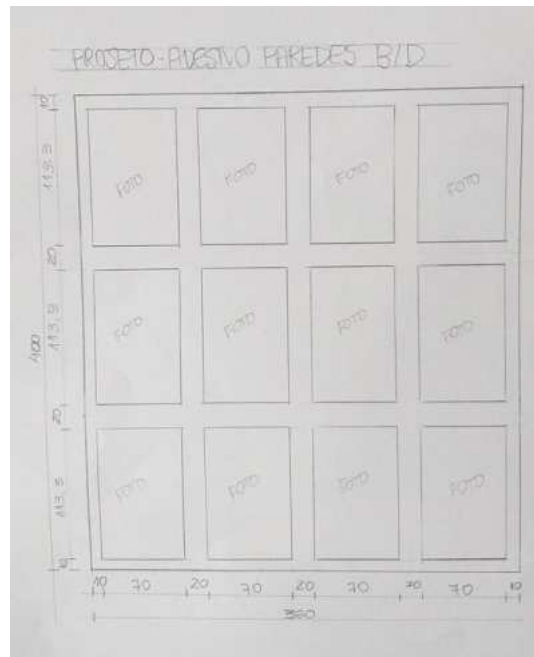


Lambe-lambes em papel jornal que serão colados no quadro de giz.

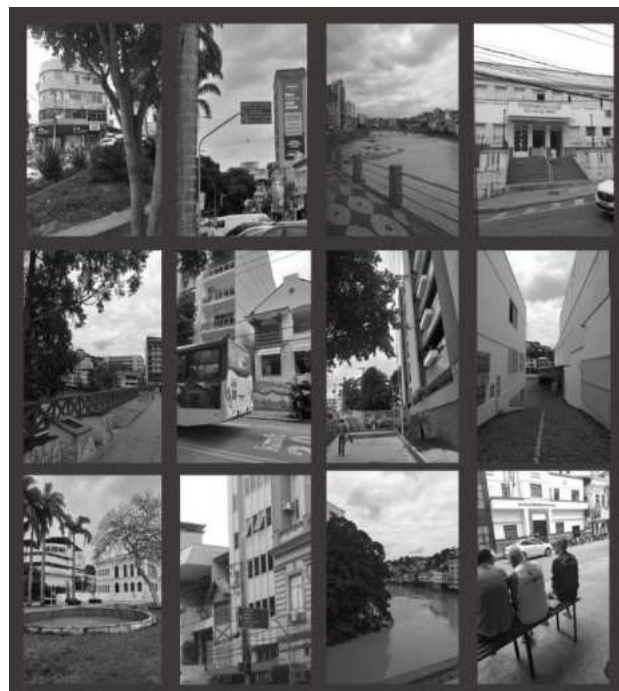
Para cobrir duas áreas de 1440 m<sup>2</sup> (3,60 x 4,0 m cada) da parede "B" e "D" minha proposta é que elas sejam completamente revestidas de fotografias da cidade de Cachoeiro, por meio de plotagem. Essas paredes são opostas na sala e quero aproveitar disso para criar dois murais. Na parede B será fixo um adesivo



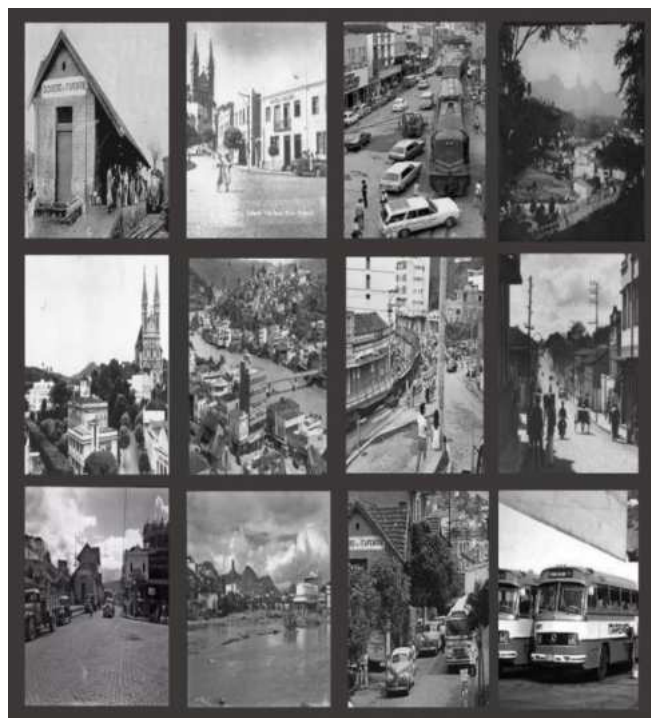
com imagens de Cachoeiro antigamente, são fotos de lugares marcantes na história da cidade. Já na parede **D**, são fotografias atuais de pontos aleatórios do centro da cidade, que podem ser vistos em uma breve caminhada, mas que passam despercebidos no dia a dia. Com a escolha de ângulos ordinários, e em preto e branco anunciam a minha perspectiva e vivência e, de certa maneira materializam a modernização e as transformações do espaço, o deslocamento das pessoas, a espera e paisagens.



Vista frontal parede B e D com o projeto do adesivo – escala 1/25.



Parede B – adesivo 3,60 x 4,0 m (fotos de Cachoeiro antigamente – retiradas do arquivo IBGE, autor desconhecido).



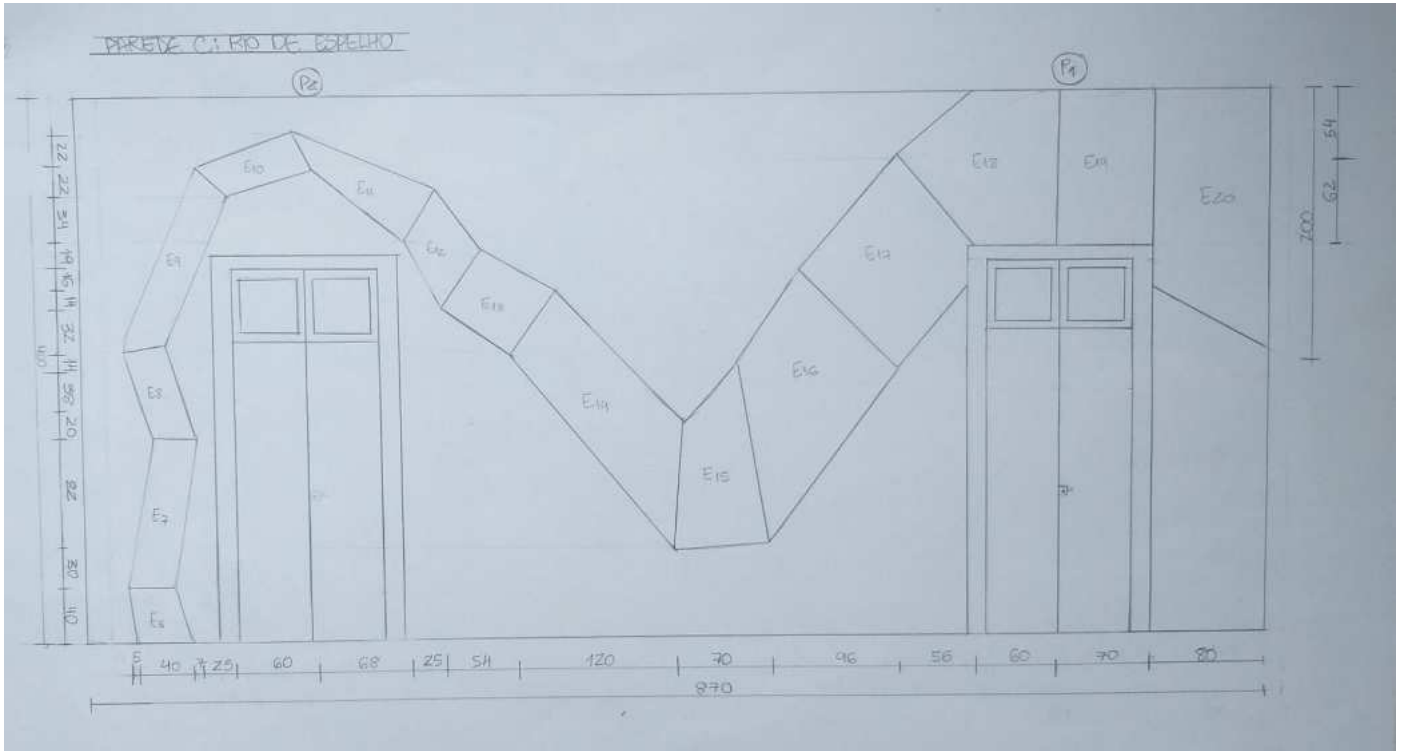
Parede D – adesivo 3,60 x 4,0 m (fotos de Cachoeiro atualmente)

Por fim, temos a parede “**C**” que contém duas portas, mas deixarei para uso somente uma, por que quero diminuir a circulação na sala. Nessa parede, construirei um “rio” de espelho lapitado, utilizando recortes em formatos geométricos que começará pelo piso, rente a parede B, abaixo de uma fotografia do próprio rio. Ele seguirá pela parede e vai ganhando corpo, “desaguando” na parede D com as fotos atuais. Quero assim trazer o rio Itapemirim, tão importante para a história de Cachoeiro, para dentro da exposição.

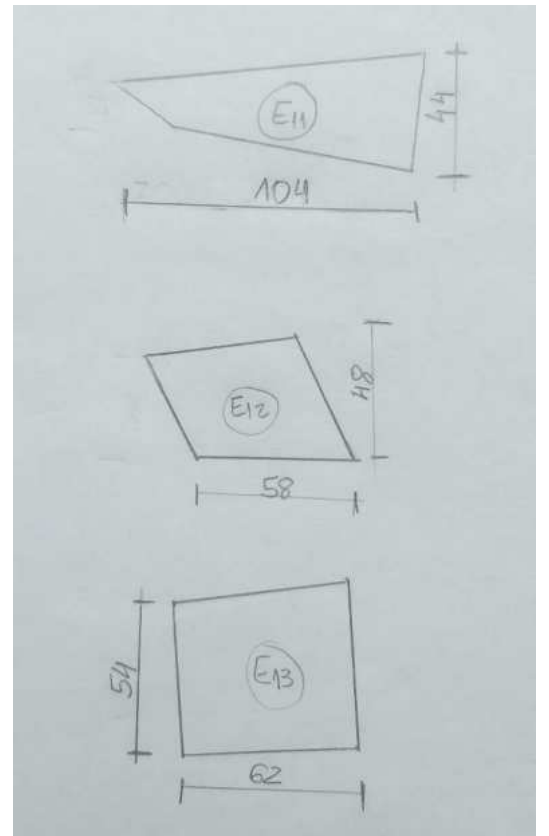
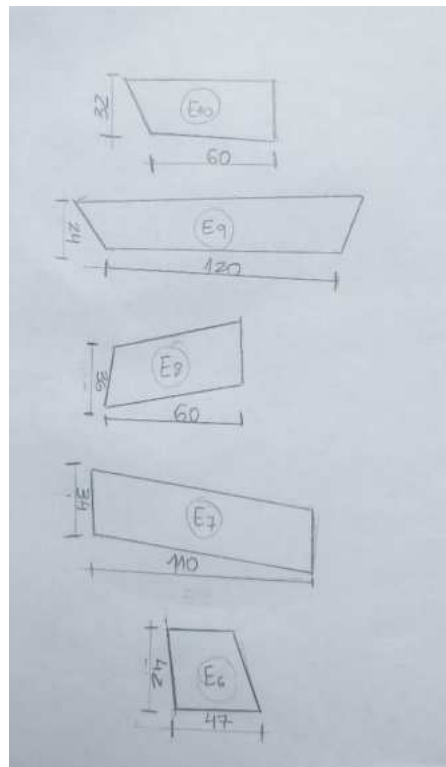
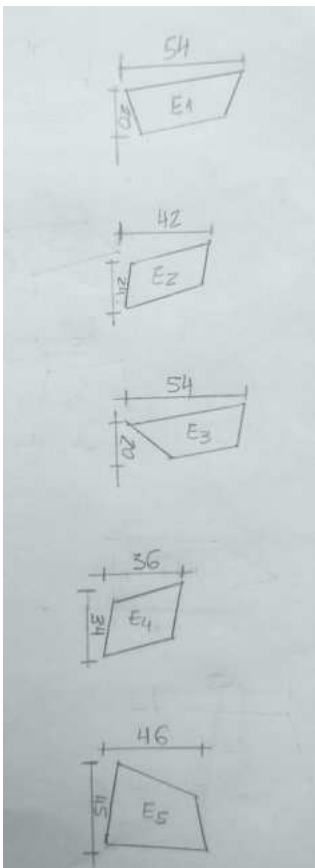
Na parede C, o espelho será fixo diretamente na parede e na desprodução será feita a manutenção da mesma com a pintura do local.

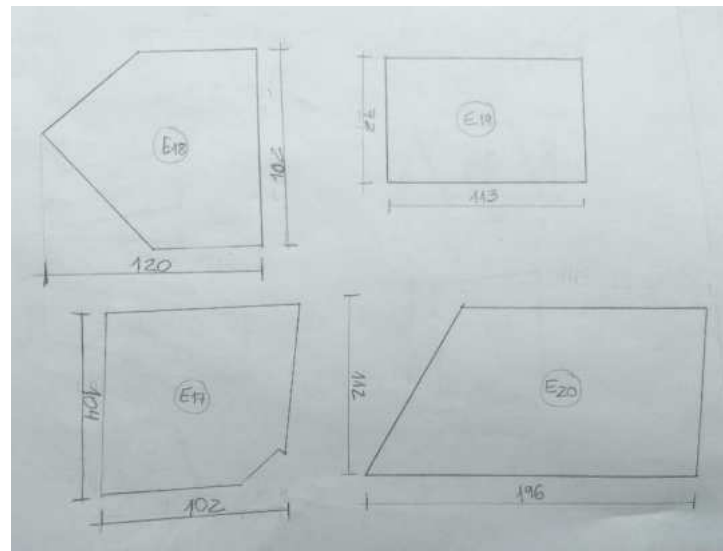
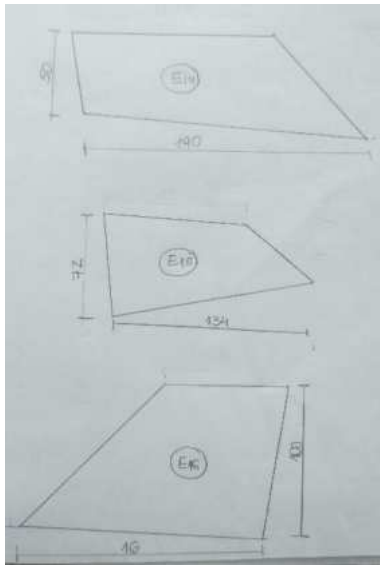
Para o espelho que estará no piso, a solução escolhida foi fixa-lo em chapas de compensado que serão margeados por sacos de areia em formatos de “cobrinhas” evitando que qualquer outro material presente no piso o cubra.

O espelho também permitirá que o visitante consiga ver os outros objetos da exposição sendo refletidos. Para acompanhar e completar a experiência, será proposto para o artista que produzirá o quadro de giz, escrever frases “ao contrário” e de certa forma, brincar com essa interação.



vista frontal parede C com "rio" de espelhos – escala 1/25.





Desenhos escala 1/25 dos cortes geométricos de espelho.

### Piso:

O piso da sala é em granito escuro. Por um momento até pensei em deixá-lo visível e sem alteração por ser um material produzido na cidade e dialogar com seus moradores. Porém, na história de Cachoeiro, muitos outros também foram marcantes, e existe um que está até hoje em nossos dias, inclusive, com sua fábrica no meio da cidade resistindo ao avanço da modernização.

Decidi trabalhar com o café, produto que foi um dos primeiros a ser transportado através do porto no Rio Itapemirim, pois é um marco em nosso desenvolvimento. Desse insumo, escolhi a palha de seu grão, uma sobra residual, que tem como finalidade ser adubo para terra, e em uma alusão a essa ideia, proponho cobrir o piso com esse material, em aproximadamente 10 cm de espessura, para que não se espalhe com facilidade e fique confortável.

Para isso, o piso será revestido com 32 m<sup>2</sup> de carpete preto preparado para receber 452 kg de palha de café seca. Cheguei a essa quantidade através do cálculo de volume e densidade. A minha proposta é de que o visitante entre descalço, sinta a textura do material, e caminhe pela história.



Palha de café seca

### Teto:

Para cobrir o teto vou utilizar primeiro a malha branca que esconderá o PVC, as lâmpadas que não terão utilidade e um possível grid, a confirmar com equipe de cenotecnia.

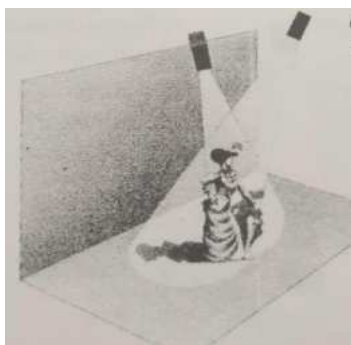
Para um melhor acabamento, adicionarei por cima da malha, o tecido voil branco. Com o auxílio da iluminação azul (leds) quero criar assim um “céu” para a sala, mas que também refletido no espelho do piso trará a cor para o “rio”.



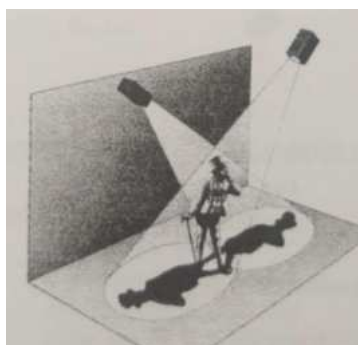
Desenho a mão livre – sugestão para apresentar ao iluminador.

## Iluminação:

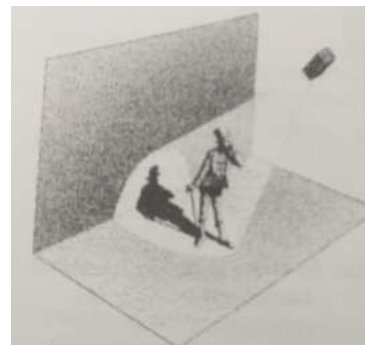
Tenho o desejo de posicionar estrategicamente sob às quatro instalações focos de luz frontal direcionadas para as cadeiras dentro da instalação, foco laterais e/ou diagonais para às duas paredes de fotos e a parede de giz com os escritos. Para isso contarei com a colaboração de um iluminador da minha cidade que somará ao projeto com essa parte mais técnica.



Luz diagonal



Luz lateral



Luz frontal

Imagens retiradas do Livro “Oficina Iluminação Técnica” – Funarte

## Objetos adicionais:



4 cadeiras de balanço - instalação.

... “de manhã cedo, de roupa limpa e barba feita, estava na sala de visitas conversando com meu pai. Movendo lentamente sua cadeira de balanço, meu pai lhe dava um cigarro de palha” ...  
Trecho retirado da crônica “Quinca Cigano”.



Mesa de apoio para adereços da exposição.



Giz branco e apagador para quadro

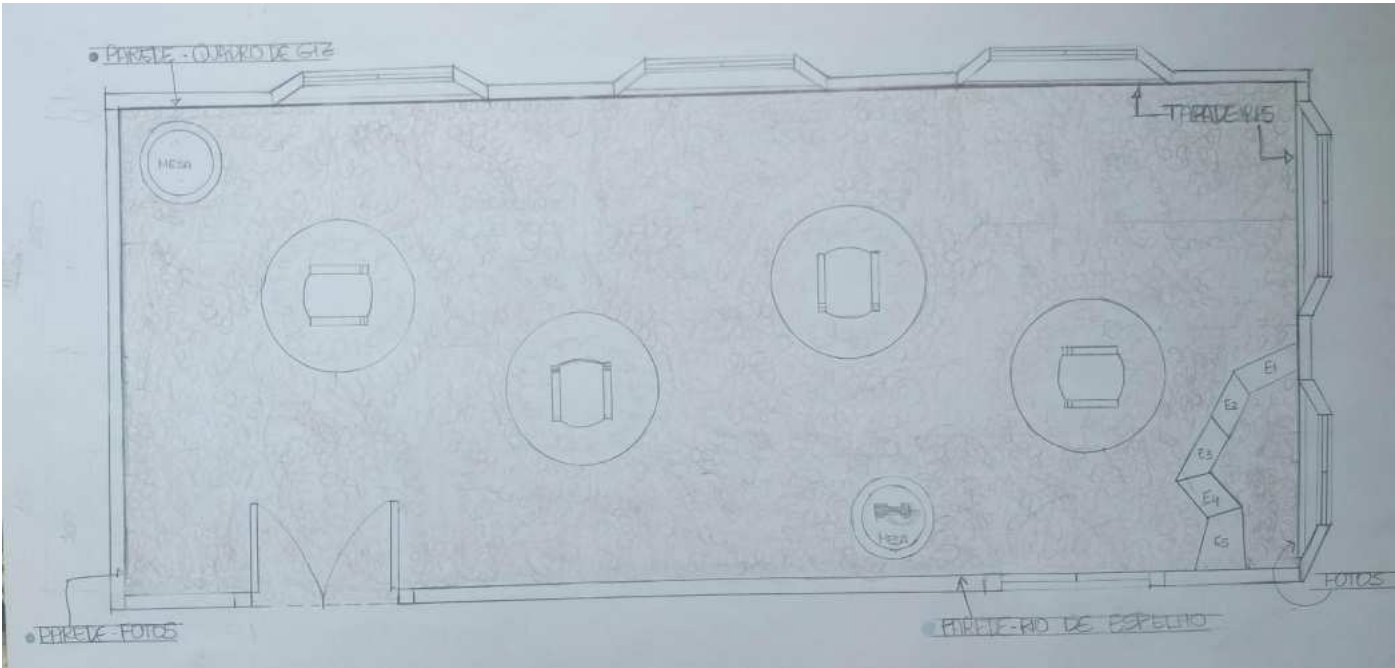




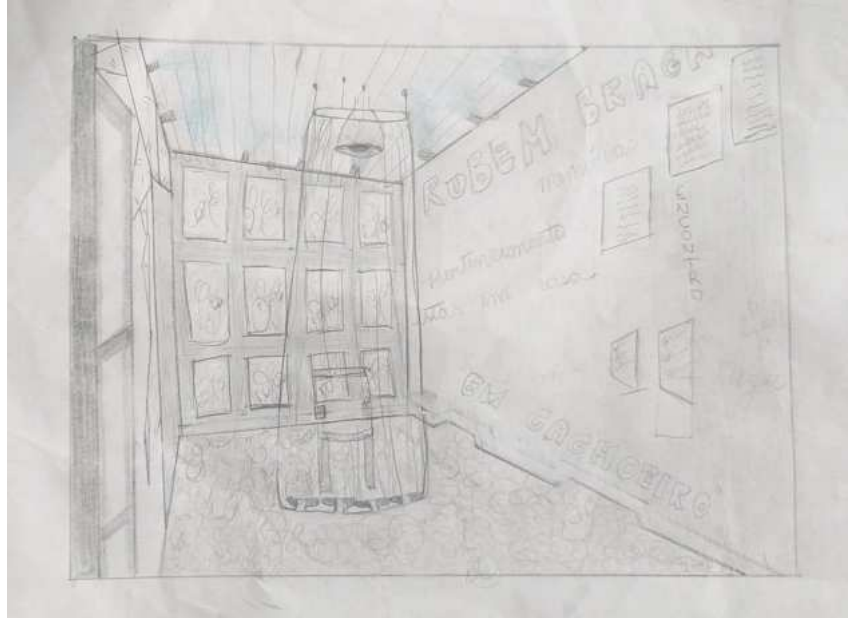
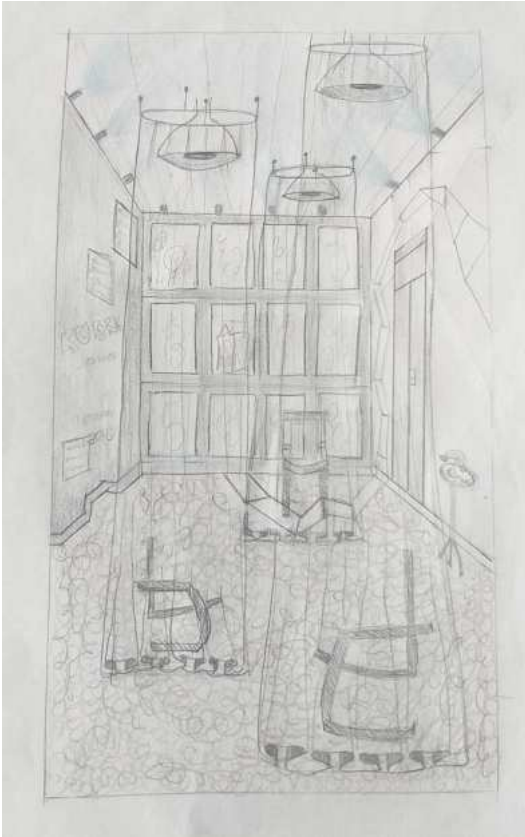
Telefone e correspondências que serão posicionados nas mesas em dois pontos da exposição. (Fazendo referência a Rubem Braga, correspondente na (2ª) Guerra).



**DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NA EXPOSIÇÃO:**



Desenho da planta da sala - escala 1/25



Desenhos da sala em perspectiva.

### ESTUDOS DE VOLUME – MAQUETE 1/25:





## ORÇAMENTOS:

Produto	Quantidade	Fornecedor	Valor	Total
Tecido malha	1 unidade (rolo de 50 x 1,8 m)	PierroTFantasias		R\$ 520,00
Tecido Voil	48 metros	Tecidos e Cortinas	R\$ 8,49	R\$ 407,52
Vinil autoadesivo fosco	2 folhas de 1440 m <sup>2</sup> cada	Perfil outdoor e gráfica digital	R\$ 55,00 por m <sup>2</sup>	R\$ 158.400,00
Chapa de compensado	9 unidades	Madeiranit	R\$ 85,00	R\$ 765,00
Adesivo quadro negro - vinil fosco premium max	36 unidades (100 x 50 cm cada)	Brave loja	R\$ 29,90	R\$ 1.076,40
Palha de café	452 kg	Amifloresmk	R\$ 58,32 a cada 10kg	R\$ 2.636,00
Carpete preto	32 m <sup>2</sup>	Iguanna	R\$29,90 por m <sup>2</sup>	R\$ 956,80
Espelho	82,2 m <sup>2</sup>	Habitissimo		R\$ 7.398,00
Aro de metalon	4 unidades (diâmetro 1,10m cada)	Macrameluh	R\$ 170,00	R\$ 680,00
Caixa de som direcional (Arandela AAT 6,5)	4 unidades	Audio Prime	R\$ 695,40	R\$ 2.781,60

## BIBLIOGRAFIA:

Castillo, Sonia Salcedo del. Arte de Expor: curadoria como expoesis. 2, revisada. Nau Editora, Rio de Janeiro, 2021. Cury, Marília Xavier. Exposição - Concepção, montagem e avaliação. Annablume Editora; 1ª edição.

\_\_\_\_\_. Da Visualidade à Cena: dimensões expositivas da arte. Nau Editora; 2º edição, 2022.

\_\_\_\_\_. Cenário da Arquitetura da Arte: Montagens e Espaços de Exposições. Martins Fontes - selo Martins; 1ª edição (20 maio 2008)

Ribeiro, Carlos. Rubem Braga um escritor comparativo: A outra face do cronista lírico. Booklink; 1º edição, 2013.

Carvalho, Marco Antonio de. Rubem Braga: um cigano fazendeiro do ar. Editora Globo, 2007.

Oiticica, Hélio. Penetrável: A invenção da luz. Rio de Janeiro, 2010. 1 vídeo (0:52 seg). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=x-wp\\_IEQviM](https://www.youtube.com/watch?v=x-wp_IEQviM). Acesso em: 10 out de 2023.

Borges, Gustavo. Melhores crônicas, Rubem Braga. 2007.

FUNARTE. Oficina de Iluminação Técnica. 4º edição. 2009.

